

As medidas não satisfazem os bancos?

Esgota-se rapidamente o tempo para o governo adotar uma política interna de longo prazo, que tenha o consenso da sociedade e que, assim, possa obter a confiança da comunidade financeira internacional. Nos últimos seis meses, as autoridades econômicas se limitaram a adotar medidas, e o problema continua agravando-se rapidamente. Esta vigorosa crítica, feita em Ribeirão Preto pelo presidente do Banco Lar Brasileiro, Charles Brauch, contrasta com as declarações otimistas do ministro da Fazenda, Ernane Galvêas, ontem na Escola Superior de Guerra.

Ao inaugurar mais uma agência do banco (associado ao Chase Manhattan, o segundo maior credor da dívida externa), Charles Brauch não quis, de início, fazer comentários, diante de "uma situação no momento muito confusa". Contudo, referindo-se às recentes medidas de contenção dos gastos públicos, foi taxativo: o governo não está cumprindo as exigências do Fundo Monetário Internacional.

— O programa apresentado agora é muito semelhante ao que foi analisado no início do ano, sem incorporar as recentes discussões tidas com o Fundo Monetário Interna-

cional. Minha opinião é que se está gastando tempo a mais, tentando definir o que é necessário para este ano, sem alinhar um programa a longo prazo.

Quanto mais se adia uma definição, mais severo o problema se torna, frisou Brauch. Disse também que, em janeiro, havia uma grande confiança "na gerência e capacidade do Brasil de resolver os seus problemas financeiros"; a expectativa era de que o desempenho seria superior ao da Argentina e México. "Agora, seis meses depois, esse não é o caso, o que naturalmente leva a um desapontamento."

É necessário se ter um programa doméstico definido, que possa ser aceito pelos brasileiros, mas que também "tenha credibilidade por parte da comunidade financeira internacional".

Charles Brauch ressaltou haver uma preocupação do governo na área política, "com um sistema de democratização dramático, no bom sentido da palavra". Diante disso, é natural que "muito da atenção seja dirigida ao processo político e não ao econômico, e não se consegue fazer tudo ao mesmo tempo. Desafortunadamente, não temos o luxo de muito tempo à nossa disposição".